



2004/02/11

RUMSFELD, FISHER E AS RELAÇÕES TRANSATLÂNTICAS

Alexandre Reis Rodrigues

A realização da Conferência de Segurança Internacional de Munique, em 7 e 8 de Fevereiro, um prestigiado evento que este ano, mais uma vez, atraiu um elevado número de políticos e militares com projecção internacional, entre os quais mais de 50 ministros, poderia ter sido uma boa ocasião para desfazer as dificuldades do relacionamento transatlântico em relação ao Iraque, bem patentes na conferência anterior, em especial, no diálogo entre Jochka Fisher, ministro dos negócios estrangeiros alemão e o secretário da defesa dos EUA, Donald Rumsfeld.

Porém, mau grado as suas iniciais afirmações de que agora é preciso olhar para o futuro, a falta de entendimento continua muito óbvia e com pouco progresso, quer com o lado francês como com o alemão, especialmente este. Jochka Fisher não fez qualquer cerimónia em deixar bem claro que afinal eram eles, os alemães, que estavam certos sobre a falta de fundamentação para a invasão do Iraque, face ao não aparecimento de armas de destruição maciça. E que não são só as questões de segurança que são importantes; que, paralelamente, é preciso olhar para as outras, até mais importantes, da modernização social e cultural, da democracia, dos direitos das mulheres, boa governação, etc.

Numa altura em que os americanos se esforçam a preparar o caminho para um próximo envolvimento directo da NATO na estabilização do Iraque – leia-se uma maior contribuição militar dos aliados – esta chamada de atenção do ministro alemão não constitui propriamente aquilo que a administração americana gostaria mais de ouvir. As reacções não se fizeram esperar; a começar logo por William Cohen, antigo secretário da Defesa do tempo de Clinton.

Este, não negando a importância das questões fora do âmbito da segurança, lembrou que há sempre o pré-requisito de um mínimo de estabilidade e, nessa base, perguntou porque é que a Alemanha não dava o ainda necessário contributo militar. Segundo declarações de Fisher, essa hipótese está completamente fora de questão mas a Alemanha não bloqueará uma decisão da NATO em assumir maiores responsabilidades no Iraque, ainda que a prioridade devesse ir para a procura de uma estratégia comum entre americanos e europeus sobre o grande Médio Oriente, um assunto que está a assumir uma dinâmica crescente e vem, de algum modo, convergir com outras iniciativas. Porém, Rumsfeld, talvez um pouco apressadamente, considera que essa estratégia já existe. Assim o prova o actual envolvimento de 17 países aliados nas operações de estabilização no Iraque e Afeganistão, apesar do facto de a Alemanha e a França terem decidido manter-se à parte. Para alguns observadores, a posição de Fisher encerra contradições, ao defender que a paz e segurança devem ser restauradas e mantidas e, por outro lado, recusar dar ajuda para esse objectivo. Em relação ao cepticismo de Fisher sobre o envolvimento da NATO no Iraque, o actual secretário-geral da NATO, Jaap de Hoop Scheffer, que fez do desanuviamento das relações a sua prioridade de acção, lembrou que o que o mundo espera da Alemanha não são cepticismos mas sim contributos.

Se o estado do relacionamento transatlântico e, principalmente, a imagem dos EUA na Europa forem avaliados pelo tom em que decorreram as conferências de imprensa que Rumsfeld deu em Munique, o panorama não é muito animador. É sabido que o estilo aguerrido de Rumsfeld, fomentando a confrontação de posições, tem nessa situação alguma quota-parte de responsabilidade, embora muitos observadores tenham feito notar uma atitude bastante mais conciliatória. Em qualquer caso, foi nessas ocasiões que, pelo tipo de perguntas feitas, mais transpareceu a oposição, senão mesmo hostilidade, à política americana.

Rumsfeld começou logo por ter de responder de que forma via a NATO voltar a ser o fórum de discussão dos assuntos estratégicos afectando ambos os lados do Atlântico, antes de se tornarem questões militares e até que ponto a administração americana estava disposta a ajudar que isso acontecesse. Sobre este ponto, Rumsfeld reafirmou a vontade americana em privilegiar o papel da NATO e sugeriu que deve ser melhorada a partilha de “intelligence” disponível nas capitais, pois isso ajudará a uma harmonização das percepções públicas sobre as principais ameaças e um entendimento comum sobre a situação.

Na segunda pergunta, um membro do parlamento alemão quis saber o que achava Rumsfeld sobre o elevado interesse europeu numas saudáveis relações transatlânticas e em particular sobre a eficácia da NATO. No parecer desse deputado, os EUA não terão mostrado esse interesse nos últimos dois anos e se o estavam a mostrar agora ponha-se a questão de saber se isso

correspondia a um interesse tático para o momento presente ou um interesse estratégico a manter no longo prazo. Rumsfeld lembrou que a NATO tem passado ciclicamente por muitas crises – saída da França, mísseis Pershing, Bósnia, etc. – e que a recente não será mais do que qualquer outra, nada de especialmente dramático, em qualquer caso. Sobre o interesse dos EUA na NATO lembrou todas as últimas iniciativas que os EUA têm liderado no sentido de tornar a Aliança mais capaz de responder às ameaças que se nos põem hoje. Por exemplo, a criação da nova Força de Resposta da NATO, a nova estrutura de comandos e, em especial, a criação do Allied Command Transformation que ajudará a necessária transformação das forças armadas. Apenas alguns de muitos outros exemplos do interesse americano numa NATO à altura dos desafios actuais.

Inevitavelmente, houve também questões sobre o conceito das guerras pré-emptivas, que tem sido objecto de repetidas condenações. Rumsfeld recorreu a uma imagem para tentar explicar o ponto de vista americano, dando o exemplo de se poder ser atingido por uma bola de neve o que é certamente um pequeno risco que todos podem correr, reservando eventuais respostas para ulteriormente. Porém, se o risco de eventual concretização de uma ameaça for grande, ninguém, com certeza, se sujeitará a aguardar que a ameaça se concretize para então depois reagir. Portanto, é preciso começar por ver o que está em causa e decidir a partir daí. Ora, presentemente, para os EUA o risco de ataques terroristas é não só muito elevado como pode estar também associado à utilização de armas de destruição maciça, o que torna a situação especialmente alarmante. Joseph Joffe, editor chefe da revista Die Zeit concordou com esta posição embora lembrando que apenas faria sentido com uma base de eficazes serviços de informação. Se não existem ou não funcionam correctamente há que ver de que forma se pode garantir não ir atingir o alvo errado. Rumsfeld concordou que se trata de uma questão vital, onde muito há a melhorar e depositou esperanças na investigação que a comissão que o presidente Bush nomeou sobre eventuais falhanços dos serviços secretos americanos na questão do armamento de destruição maciça e num regime de maior cooperação internacional entre aliados. O Professor Karl Kaiser, professor convidado da Universidade de Harvard, referiu que no actual contexto de possível associação entre acções terroristas e utilização de armas de destruição maciça, se tornava realmente necessário rever os antigos critérios de auto-defesa, hoje já não aplicáveis. A sua dúvida era se isso se devia ser deixado para analisar caso a caso ou, se pelo contrário, deveria ser feito um esforço de redefinição dos critérios para aplicação geral. Rumsfeld reconhece que se trata de uma questão central a examinar ao nível de organizações internacionais, governos, think tanks, etc.

O actual embaixador da Alemanha em Washington quis saber como Rumsfeld pensa que poderia ser melhorada a actual imagem dos EUA no exterior, actualmente a um nível que pode comprometer a sua estratégia de promoção de paz e de procura de soluções para os problemas mais candentes, nomeadamente o conflito israelo-árabe. Rumsfeld lembrou que esta questão tem também os seus altos e baixos de uma forma cíclica e frisou a dificuldade de penetrar ambientes onde dominam a Al Jazeera e a Al Arábia, constantemente a passarem uma imagem negativa dos EUA.

Sobre as lições que os EUA poderão ter já tirado do combate empreendido contra o terrorismo e sobre se os EUA já viam alguma luz ao fundo túnel, Rumsfeld recordou que qualquer resposta militar que desse a esse assunto seria sempre uma resposta muito incompleta porque o problema do terrorismo não é um problema militar. É um problema financeiro, de colaboração entre serviços de informação, ideológico, religioso e de controlo de áreas onde não existem governos efectivos. É sobretudo um problema que diz respeito a todos os sectores das nossas sociedades e governos. De qualquer forma, o secretário da defesa fez notar que presentemente há 90 países seriamente empenhados de diversas formas em combater as organizações terroristas. A guerra será longa e difícil, mas essas contrariedades, para Rumsfeld, são o normal de um mundo em mudança, que se procura ajustar a circunstâncias novas.

Em resposta a outras perguntas, Rumsfeld falou sobre o novo posicionamento de forças americanas no exterior, continuou a afirmar a sua convicção de que havia armas de destruição maciça no Iraque e que as investigações ainda não estão concluídas. Finalmente, reafirmou o desejo de se retirarem do Iraque o mais brevemente possível, lembrando que as forças de segurança iraquianas já são a maior força no terreno. O secretário da defesa, porém, nada disse sobre as dúvidas que se têm levantado quanto à preparação, equipamento e armamento dessas forças. Será, porém, surpreendente que, uma vez resolvido o actual problema de estabilização do país, os EUA não continuem a manter forças ou, pelo menos, facilidades para daí actuar na região. Presumo que esse era um dos não declarados objectivos da invasão. Sobre o novo dispositivo militar no exterior, o secretário da defesa apresentou três razões principais: colocar as forças mais perto dos locais onde se espera que possam ser necessárias; onde os seus movimentos estejam menos condicionados e onde sejam bem-vindas. Será a maior alteração de dispositivo depois do fim da II Grande Guerra.

Mais tarde, discursando num jantar, um Rumsfeld "diplomático" resume a situação do seguinte

modo: tem havido muita especulação sobre os nossos desacordos e conflitos e não falta quem queira comparar hoje com há um ano atrás; mas sempre houve esse tipo de problemas ao longo do tempo; se há ruído é porque a Aliança está em pleno processo de adaptação às novas realidades; se não houvesse é porque nada se estaria a passar, que tudo estaria em estagnação, no desinteresse e irrelevância. Mas nem todos pensam assim. Há quem receie que alguns países, principalmente a Alemanha e a França, estão, perigosamente, a empurrar a NATO contra a parede.